

SOMOS SERES QUE FALAM

Caríssimos leitoras e leitores da Revista Trama

Nesta edição, à sua disposição artigos inéditos que provocam nossas reflexões sobre a importância da oralidade no processo de ensino-aprendizagem de línguas maternas e estrangeiras/adicionais. Um dossiê que encontra eco na legislação brasileira sobre componentes curriculares obrigatórios na escola básica e em importantes estudos sobre a relevância do desenvolvimento dessa habilidade, inerente à interação humana, dentro e fora das salas de aulas. Com efeito, desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais sinalizam a urgência de se trabalhar a oralidade e suas características como objeto de ensino produtivo e sistemático nas escolas do Brasil. E, em 2017, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) equipara, em importância e volume, a produção e a análise linguística (e multissemiótica) de textos orais à produção e análise de textos escritos.

Sim, somos seres que falamos! Mas de que forma e em que contextos? Quais são os gêneros orais que contemplam nossas necessidades comunicativas? Qual o papel da oralidade na construção de nossa identidade individual e social? Quais são os desafios enfrentados pelos professores na compreensão e no aprimoramento da “expressão oral”? No afã dessas respostas, as pesquisadoras Fernanda Baldim (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) e Valdilena Rammé (Universidade Federal da Integração Latino-americana) analisam as atividades de expressão oral presentes nos materiais didáticos usados em contextos universitários de ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira/adicional e discutem as vantagens e desvantagens de abordagens metodológicas neste âmbito *Expressão Oral nas classes de PLE/PFOL: entre teorias e materiais didáticos*.

Julia Souza (Universidade Federal de Pernambuco) estuda os materiais didáticos do programa de formação continuada Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Em seu estudo, a autora defende que o eixo oral seja reconhecido como objeto de ensino da língua portuguesa em distintos contextos pedagógicos ou aprimoramento do idioma. Souza compartilha suas reflexões no texto *As dimensões de ensino da oralidade nos materiais do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa em 2013*.

Na sequência, Débora Costa-Maciel, Fabrini Bilro e Maria Lúcia Barbosa (Universidade Federal de Pernambuco) estudam as estratégias para fomentar a produção e análise de gêneros orais formais na sala de aula a partir de uma coleção de livros didáticos direcionados ao EJA (Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas), em *Gêneros orais formais: o que é possível e necessário ser ensinado no livro didático destinado a pessoas jovens, adultas e idosas?*

Marilúcia Striquer (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e Angelita da Silva (Secretaria de Educação do Estado do Paraná) analisam a prática do debate regrado no livro didático *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa* adotado por todas as escolas do Ensino Fundamental da rede pública do Estado do Paraná de 2020 até 2023 a partir do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), base orientadora do livro. Veremos em *O ensino da oralidade proposto pelo livro didático: um olhar sobre o prisma do ISD*, se as propostas cumprem ou não as habilidades prescritas pela BNCC.

Gisele Barbosa e Tânia Magalhães (Universidade Federal de Juiz de Fora) discorrem sobre os níveis de superação da dicotomia fala/escrita a partir de uma pesquisa com docentes de uma Rede de Municipal do Estado de Minas Gerais, no artigo intitulado *Conhecimentos necessários para a prática de oralidade na escola: avanços e perspectivas*. Aline Pessôa (Universidade federal do Oeste da Bahia) discute em *O feedback corretivo oral em aulas de inglês*, problematizando sobre os modos como os professores corrigem seus aprendizes no momento de interações orais na sala de aula. A autora enfatiza a importância da diversificação dos tipos de *feedback* para que o aprendiz possa, também, assumir a responsabilidade pela correção de seus equívocos. O pesquisador José Rodrigues Neto (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), trata sobre *O ensino de pronúncia: uma abordagem comunicativa dos elementos segmentais* e nos convida a pensar sobre o ensino de pronúncia a partir de instruções explícitas em práticas orais como a conversação.

Em *A autoria no discurso oral em aulas de língua portuguesa*, Leane Arguello e Carolina Fernandes (Universidade Federal do Pampa), analisam uma prática pedagógica desenvolvida a partir da interpretação de um texto literário e de produção de *podcasts* a fim de compreender as diferenças de interpretação, bem como os aspectos polissêmicos que implicam na constituição da autoria em discursos escritos e orais em sala de aula. Sobre o gênero oral debate eleitoral, Ana Jacob, Luzia Bueno e Juliana Zani (Universidade de São Francisco) trabalham sobre a importância do corpo, da voz e da articulação dos argumentos a partir de uma pesquisa com alunos de um grêmio estudantil em *Oralidade e gêneros orais: argumentos, voz e corpo no debate eleitoral de um grêmio estudantil*. As autoras instigam à reflexão a respeito do caráter multimodal e multissemiótico dos gêneros da oralidade.

Larissa Pissinatti e Wany Sampaio (Universidade Estadual de Maringá), no artigo *Evidências de elementos da literatura pós-colonial nas produções em prosa do povo surdo no Brasil: história, tradição e cultura*, discutem sobre os estudos que a tradição oral no contexto da literatura do povo surdo, pode ser compreendida como tradição visuoespacial ou sinalizada e, assim, constituir-se como um espaço de construção e reconstrução de sentidos e manutenção da cultura.

Juliana Ferreira (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) inclui o renomado educador e filósofo Paulo Freire no leque das reflexões e problematiza o sobre o que se diz e o como dizer, no texto *O diálogo a partir dos princípios da teoria e prática educativa freireana*. A autora mostra que entre a autoridade e o autoritarismo há uma diferença crucial, muitas vezes não compreendida, mas perceptível no uso da palavra.

Em *Formação continuada de professores: uma proposta de sequência didática para a formação de leitores a partir do cordel*, Rozânia Serikawa e Naelza Wanderley (Universidade Federal de Campina Grande) nos apresentam, a partir de seus estudos sobre inserção da literatura de cordel em sala de aula para mediar a formação de leitores, uma sequência didática a ser trabalhada por professores do Ensino Fundamental.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Marechal Cândido Rondon, maio de 2022
Flávia Dorneles, Rebeca Kerkhoven, Rafaela Schulz
Editoras de Número